

Governo norte-americano pode cobrir o que está faltando no "jumbo"

por Reginaldo Heller
do Rio

O governo norte-americano poderá participar do empréstimo "jumbo" de US\$ 6,5 bilhões, com uma "tranche" equivalente ao resíduo de US\$ 100 milhões aproximadamente, ainda não integralizado por cerca de 30% dos bancos consultados, e que vêm opondo acentuada resistência.

Essa "tranche", contudo, teria um prazo menor, possivelmente de um ano, no máximo, equivalente na prática a um empréstimo-ponte, semelhante ao concedido pelo Tesouro norte-americano no final de 1982. Essa hipótese, tida como remota há algumas semanas, devido às fortes resistências do Congresso dos Estados Unidos e à sua excepcionalidade em relação aos demais devedores do Terceiro Mundo, vem assumindo conotações cada vez mais verossímeis, nos últimos dias, segundo análise de representantes de bancos americanos participantes do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira e até de algumas fontes qualificadas com acesso à elite do mercado financeiro internacional.

A presença do subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Beryl Sprinkel, no Brasil desde ontem, culmina um minucioso trabalho executado pelo governo norte-americano, através do Tesouro e do Federal Reserve, de avaliação em profundidade da situação econômica e financeira do País e das soluções possíveis para a atual crise. Esse trabalho adquiriu contornos mais nítidos após o relatório elaborado por Bruce Juba, do setor de nações em desenvolvimento do Departamento do Tesouro, e Thomaz Claessner, da Divisão de Finanças Internacional do Fed, que estiveram no Brasil na primeira semana de dezembro.

Então, ambos foram cercados por John Abbott, da Embaixada norte-americana, e atendiam a uma determinação de George Shultz, secretário de Estado, que, preocupado com a situação brasileira, encomendara um estudo com alternativas.

Segundo informou um representante do banco estrangeiro, o governo americano já se preparava, em dezembro, para a eventualidade de dificuldades para um acerto com a comunidade financeira privada. Algumas fontes afirmam que as autoridades norte-americanas já desconfiavam da resistência de alguns bancos.

PRECEDENTE

Segundo informou, também, uma alta fonte ligada a comunidade financeira, se os grandes bancos cobrirem a parte dos resistentes, certamente estarão criando um precedente grave, pois a prática da equidade estaria sendo rompida e outros bancos poderiam não manter sua participação. Uma fonte de banco do comitê assegurou a este jornal que os grandes já manifestaram sua intenção de não aportar recursos adicionais à sua cota parte.

O impasse, portanto, somente seria resolvido mediante a participação do governo americano, razão apontada para as declarações do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore para, também, condicionar ao empréstimo a sua integralização total. O raciocínio, contudo, es-



Beryl Sprinkel

Sprinkel encontra Delfim

O subsecretário do Tesouro norte-americano, Beryl Sprinkel, encontrou-se ontem com várias autoridades do setor econômico brasileiro, em Brasília, durante jantar na casa do novo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Asencio. O porta-voz da Embaixada, Donald Hanger, informou que a visita do subsecretário do Tesouro é de "rotina", e que ele viaja hoje para o Rio de Janeiro.

Participaram do jantar de Sprinkel o ministro do Planejamento, Delfim Netto; o ministro da Fazenda, Ernane Galvões; o chefe da Assessoria Internacional da Seplan, José Botafogo Gonçalves; e o diretor da Área Externa do BC, José Carlos Madeira Serrano.

barraria na resistência política a qualquer operação de socorro pelo governo americano. Nesse sentido, o apoio das empresas americanas, sediadas no País, seria determinante para convencer os congressistas dos Estados Unidos da importância da ajuda. Tal ajuda, contudo, poderá não ser concretizada diretamente pelo Tesouro, mas, eventualmente, por outra a agência governamental, ou pelo próprio Federal Reserve. Pois, uma alternativa vem sendo descartada peremptoriamente: a iliquidez brasileira. De qualquer forma, esse é na verdade o tema principal dos encontros de Beryl Sprinkel, com as autoridades brasileiras, empresários americanos e brasileiros, em sua atual visita.

Nova missão do FMI em fevereiro

O secretário geral da Seplan, José Flávio Pécora, informou ontem que nova missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) virá ao Brasil em meados de fevereiro, embora a viagem só estivesse prevista para os últimos dias do mês. Pécora disse que estava satisfeito com o cumprimento das metas de expansão monetária programadas para o ano passado, que foram estabelecidas em comum acordo com o FMI.

Pécora, afirmou ainda que acredita que o Brasil também cumprirá as metas previstas para o primeiro trimestre deste ano, que, em termos de expansão monetária, devem sofrer queda de 3,8% nos meios de pagamento e crescimento de 2% na base monetária. Ele atribuiu o desvio das metas de expansão da moeda em 1983 à concentração de pagamentos de impostos no fim de ano e à atuação do BC no mercado de títulos.